

## ENSINO E APRENDIZAGEM: POSSÍVEIS DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FILOSOFIA

José Carlos da Silva<sup>1</sup>  
Fábio Antonio Gabriel<sup>2</sup>  
Ana Lúcia Pereira Baccon<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões analíticas sobre os desafios e perspectivas na formação de professores de Filosofia levando-se em conta o processo de ensino e aprendizagem. A pesquisa realizada é de natureza qualitativa, os dados foram coletados por meio de questionário organizados com perguntas fechadas e abertas, constituindo uma pesquisa ação, onde os participantes são professores e alunos de algumas escolas públicas do Núcleo de Educação de Jacarezinho. Como referencial estamos nos fundamentando nas propostas oferecidas pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica sobre filosofia da Secretaria de Estado da Educação do Paraná e dos seguintes autores Gallo (2013), Silveira (2007), Folscheid (2006), de Horn (2009), e Danelon (2010), entre outros. A análise dos dados nos permite inferir que a questão do ensino de filosofia e sua aprendizagem na região de Jacarezinho encontram desafios comuns e dispõe de grandes possibilidades de superá-los ou ao menos tratá-los com propriedade. Aponta ainda que, a do número dos atuais professores que participaram da pesquisa já é habilitada na graduação em filosofia pela Universidade da Região e as propostas curriculares sugeridas pelo Estado estão coerentes com as discussões atuais de filósofos e pensadores que tratam da questão do ensino e aprendizagem da filosofia no Paraná, essa constatação passa a fazer parte do processo ensino aprendizagem que envolve os professores e os alunos da educação básica na região.

**Palavras-chave:** Formação de professores. Filosofia. Processo de ensino e aprendizagem. Ensino de filosofia.

### ABSTRACT

This article aims to present some analytical reflections on the challenges and prospects in the formation of Philosophy teachers taking into account the process of teaching and learning. The research is qualitative, data were collected through a questionnaire organized with closed and open questions, constituting an action research, where participants are teachers and students of some public schools in the Jacarezinho Education Center. As a reference we are basing on the proposals offered by the Basic Education Curriculum Guidelines on the philosophy of Ministry of Education of Paraná and the following authors Gallo (2013), Silveira (2007), Folscheid (2006), Horn (2009), and Danelon (2010), among others. Data analysis

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela UNICAMP (2009), professor do Departamento de filosofia da UENP. E-mail: [jcarlos@uenp.edu.br](mailto:jcarlos@uenp.edu.br)

<sup>2</sup> Mestre em educação pela UEPG, professor de filosofia da Rede Estadual do Paraná. E-mail: [fabioantoniogabriel@gmail.com](mailto:fabioantoniogabriel@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática (UEL). Professora do Departamento de Matemática e Estatística e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPG. E-mail: [ana.baccon@hotmail.com](mailto:ana.baccon@hotmail.com)

allows us to infer that the issue of teaching philosophy and their learning in Jacarezinho region are common challenges and offers great possibilities to overcome them or at least treat them properly. Also points out that the number of current teachers in the survey is already enabled in the degree in philosophy from the University of the Region and the curriculum proposals suggested by the State are consistent with the current discussions of philosophers and thinkers who address the issue of teaching and learning philosophy in Parana, this realization becomes part of the learning process that involves teachers and students of basic education in the region.

**Keywords:** Teacher education; philosophy; Teaching and learning; teaching philosophy.

## 1. INTRODUÇÃO

Entre os principais eventos que as mudanças da pós-modernidade causou na sociedade e seus reflexos praticamente em todos os campos da atividade humana, está a Educação, que sente diretamente esses efeitos. Levando-se em conta essa vertente seja no contexto da prática, ou no contexto da teoria, aparece a necessidade de formação de bons profissionais do ensino em geral, para lidar com o sujeito que já chega na escola sob o efeito dessas mudanças.

Tal situação é uma constante na efetivação da Educação em todos os tempos e de forma específica nos tempos atuais. Diante desta constatação a presente reflexão é resultado de uma pesquisa de pós-doutoramento que teve a pretensão de investigar e socializar a situação de como se encontra o atual estágio de formação dos professores de filosofia na região Norte do Paraná verificando em que esta formação está em consonância com os requisitos teóricos atuais sobre a formação de professores de Filosofia.

Tendo conhecimento da realidade praticada intenta-se oferecer contribuições reflexivas para propostas da formação inicial e continuada destes profissionais do ensino de filosofia. Para tanto foi necessário, inicialmente, promover a investigação em torno de metodologias de ensino aplicadas e a verificação da aprendizagem ou não por parte dos alunos. Depois do levantamento bibliográfico verificando as teorias dos principais filósofos e educadores que escreveram sobre a temática fazemos uma pesquisa de campo para constatar se há a contemplação ou não destas metodologias nos colégios verificados. A partir desta constatação feita, analisamos até que ponto as variantes dos teóricos sobre a temática estão sendo contempladas na prática do processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, o presente artigo tem como objetivo expressar as reflexões analíticas sobre esse contexto e apresentar a filosofia como uma “válvula de escape”, viés para que a escola passe a se colocar como um lugar de escuta e em seguida de reflexão, - onde o sujeito pode se colocar, manifestar as suas queixas, suas ansiedades, desejos e sonhos. No entanto, podemos questionar: Será que o professor da escola está preparado para isso? Será que os desafios ainda são maiores que as perspectivas que tornam a realidade do ensino de filosofia um obstáculo pelas próprias circunstâncias da região?

Assim sendo, é também nosso objetivo oportunizar junto aos programas de ensino da Universidade da Região Norte do Paraná (UENP) reflexões que venham contribuir para uma formação qualificada dos futuros professores de Filosofia, bem como contribuir para a efetivação de metodologias que consigam interferir ou ao menos despertar os jovens da educação básica para filosofar, visto que estes professores serão os formadores dos jovens da região. Então é necessário perguntar: quais são as práticas pedagógicas no âmbito do ensino de filosofia para uma real atualização das mesmas diante dos desafios que a atual sociedade nos oferece?

Portanto, o presente artigo busca contribuir para a compreensão da desafiante necessidade de sólida e constante formação do futuro profissional do ensino de filosofia na Educação Básica. Assim refletindo sobre a reflexão teórica sobre a prática já exercida, fortalecer o exercício que já é praticado nas escolas, acenando para a formação do cidadão como homem livre e com pensamento crítico, responsável e autônomo.

Além de contribuir com a formação já disponibilizada por outras áreas do saber, quer esta proposta desenvolver a tarefa de identificar as vias que possibilitem os profissionais do ensino de filosofia tratar de maneira mais reflexiva e com maior amplitude as questões e problemas que fazem parte da vida cotidiana dos membros da sociedade envolvidos neste estudo (sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem). Quer seja na sala de aula, ou quer seja nas relações do homem com a realidade do mundo, ou ainda na inteiração com outras pessoas, principalmente nos diálogos sobre as questões do cotidiano que exigem reflexão para tomadas de decisões.

Diante dos desafios que nascem da necessidade de ensinar filosofia, o presente artigo visa investigar perspectivas reflexivas diante da participação em diversas atividades formativas ligadas ao ensino de filosofia. Deu-se uma dedicação preferencial aos Colégios da cidade de Jacarezinho (PR), com professores que estejam trabalhando a disciplina de Filosofia, no Ensino Médio. Mesmo que longo prazo, acreditamos e possuímos o desejo de contribuir para elevação do índice na estatística do desenvolvimento educacional na educação básica, preferencialmente no Ensino Médio, a partir das reflexões que daqui possam ser desencadeadas. Para tal é necessário conhecer a realidade de cada localidade de ensino.

Através da presença e da observação tentamos constatar a maneira de ensinar filosofia praticada pelo então professor da disciplina, identificando os principais desafios encontrados. Após a identificação da metodologia aplicada, tentar-se-á identificar a melhor proposta para se desenvolver novas perspectivas no ensino de filosofia sobre uma base autônoma e que seja tomada em consideração a criticidade do desenvolvimento do pensamento criativo que construa a capacidade de formação do cidadão, quer como pessoa, quer como futuro professor de Filosofia. Exercitando assim a perspectiva do pensar qualificado em todos os ângulos da vida humana, além da reflexão teórica.

Enfim, entende-se que a socialização deste trabalho quer contribuir não apenas na vida pessoal de cada um dos envolvidos, mas, sobretudo na composição de um futuro próximo, melhor para o Norte Pioneiro, no âmbito social e intelectual, não obstante, tendo em vista a possível repercussão na melhora da qualidade de formação dos profissionais enquanto futuros professores de filosofia que saberão refletir e viver articulando teoria e prática.

## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FILOSOFIA**

Nos últimos oito anos a discussão em torno da problemática sobre o ensino de filosofia no Brasil tem acumulado dimensões importantes. E conseqüentemente a formação de professores de Filosofia tem sido considerada de suma importância. Desde a retomada de seu ensino aprovada no dia 07 de agosto de 2006, pelo Conselho Nacional de Educação, Parecer CNE/CEB 38/2006, e principalmente pela da obrigatoriedade estabelecida pela Lei 11.684, aprovada em 02/06/2008, vários

pensadores continuaram as discussões já iniciadas sobre propostas de ensino, metodologias, estratégias, enfim, o ensino de filosofia tomou novos rumos.

Dessas discussões se construíram obras e teorias no intento de organizar o seu ensino na teoria e na prática. Apontando os maiores desafios e buscando encontrar saídas coerentes para estes desafios surgindo então as novas perspectivas. Um dos primeiros desafios com os quais se deparam professores e alunos é se a filosofia é possível de ser ensinada. Diante da afirmativa Kantiana de que “não se pode aprender Filosofia, mas apenas a prender a filosofar” (KANT, 1989), podemos destacar que é impossível olhar essa afirmação separadamente. Ou seja, é necessário encontrar uma forma de trabalho que associe a aprendizagem da filosofia com o aprender a filosofar numa direção de formação pessoal e socialização deste aprendizado específico. Segundo Gallo (2013), assim podemos entender:

[...] a filosofia é possivelmente, o campo de saber mais plurívoco, e, portanto, aberto a e suscetível de muitos equívocos. Não se pode falar em “filosofia” de forma geral, sem dizer de que filosofia falamos. Da mesma maneira não se pode falar em “ensinar filosofia” como se tratasse de algo geral e universal. Falar em ensinar filosofia é falar em ensinar uma determinada filosofia, ou ensiná-la a partir de uma determinada perspectiva. (GALLO, 2013, p. 38).

Portanto, é fundamental, aprender filosofia filosofando. E não dissociar a prática do aprender com o filosofar.

Para satisfazer as propostas apontadas como conteúdos estruturantes do Ensino de filosofia no Paraná, as editoras propõem obras escolhidas e selecionadas com a aprovação da Secretaria de Educação, que são disponibilizados e distribuídos como material de apoio didático a todos os colégios da rede pública que oferecem a disciplina. No momento são as seguintes obras: Silvio Gallo com o texto: *Filosofia: experiência do pensamento* da editora Scipione; Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes: *Fundamentos de Filosofia* da editora Saraiva; Marilena Chauí: *Introdução à filosofia*, da editora Ática e por fim, Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, participam com a obra: *Filosofando: introdução à filosofia* da editora Moderna. Estas obras estão indicadas, pois contemplam em seus conteúdos a proposta de ensino das Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, que sugere os seguintes conteúdos: para a primeira série: Mito, filosofia e Teoria do Conhecimento; para a segunda série: Ética e Filosofia Política e para a terceira série do ensino

médio: Filosofia da Ciência e Estética. Há ainda possibilidades para escolha de outros materiais desde que acolham e contemplem os conteúdos propostos pelas orientações contidas nas Diretrizes Curriculares do estado do Paraná.

Para conhecer melhor estes desafios e tentar tratá-los supõe-se, para início de conversa, o necessário estudo das obras de Horn (2009), “Ensinar filosofia: pressupostos teóricos e metodológicos”; Porta (2007), “A filosofia a partir de seus problemas”; também de Gallo (2013), “Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio”; ainda Folscheid e Wunenburger, (2006) “Metodologia Filosófica” e Danelon (2010), com seu olhar crítico aos parâmetros curriculares nacionais no texto: “Ensino de Filosofia e currículo”.

Danelon (2010) afirma, como outros tantos pensadores, a necessidade da filosofia pensar seu ensino com base nas propostas pedagógicas, mas sobre tudo pela própria filosofia. Neste caso ele afirma: “Neste aspecto, acreditamos ser importante pensar o ensino da Filosofia desde um olhar da própria Filosofia. Em outras palavras, pensar filosoficamente o ensino de Filosofia é pensar com a Filosofia o problema do seu ensino”. (DANELON, 2010, p. 03).

Inicialmente entende-se estudar as metodologias de ensino de Filosofia pela própria filosofia, seja na sua História, seja por meio de suas áreas, seja por meio dos filósofos e de suas obras, ou mesmo pelos temas e questões, em todos estes casos será evidenciado duas faces, a saber: ao realizar o ensino dos conceitos criados pelos filósofos ensinar também a filosofar, que já é um desafio.

É certo que existem ainda tantos outros desafios a serem tratados e investigados como, por exemplo, a inadequada formação do professor de filosofia. Pois, só agora em nossa região estão surgindo professores da área com a formação específica devido à conclusão de novas turmas do Curso de Filosofia, no Centro de Ciências Humanas e da Educação (CCHE) a partir de 2011, quando se graduou a 1ª turma.

Quando se trata de perspectivas sobre o ensino de filosofia, seja nas suas dificuldades ou propostas os mesmos autores citados anteriormente ajudam a entender a especificidade da disciplina. A necessidade de formar cidadãos que saibam pensar filosoficamente, conforme Horn (2009), “A disciplina não deve preocupar-se em ensinar a erudição filosófica ou os tópicos da história da filosofia, mas a pensar filosoficamente”. (p. 97). Nesta perspectiva a formação integral do

homem formará uma sociedade com seres humanos formados na integridade do cidadão, com envergadura emancipatória e capaz de construir um mundo melhor.

No dizer de Folscheid e Wunenburger (2006, contracapa) “Filosofia é sempre método – pensar é também saber pensar – mas um método acompanhado de sua razão de ser e de uma verdadeira cultura”. Por esta razão, em seu livro sobre Metodologia filosófica ele tece inúmeras considerações sobre a necessidade de muita leitura para o aprendizado de filosofia, que por sua vez, vem acompanhado de interpretação de textos das obras filosóficas, bem como o exercício de redação de pequenos textos de ordem filosófica retomando sempre questões sobre as quais já foram tratadas. Assim sendo os exercícios filosóficos de leitura e interpretação já fazem parte da formação do futuro professor de filosofia.

Já para Gonzales Porta (2006) não se pratica ou ensina filosofia sem um problema, portanto o problema é que move e impulsiona o ensinar ou aprender filosofia, assim diz ele: “o não atender ao problema degrada o ensino ou o estudo filosófico a um contar ou escutar histórias” (PORTA, 2007, p. 29). Nesta vertente há muitos professores que preferem mover suas aulas por tratamentos de problemas e questões na reflexão filosófica. Não deixa de ser uma forma metodológica de ensino praticado no Ensino Médio.

Assim sendo, notamos que há vários modos para se tratar do ensino de filosofia. Vários métodos ou vias que ajudam ao ato de filosofar na escola. - No entanto, cada docente encontrará seu caminho de ensino quando estiver na prática, na sala de aula. Os caminhos ou vias possíveis neste ensinamento pode se verificar por ao menos quatro tendências. Há aqueles que preferem o ensino por meio da história da filosofia, onde se mostra toda uma formação da filosofia por meio da história do pensamento desde os tempos antigos até a atualidade. Outros preferem por meio das áreas a filosofia. Da mesma forma as áreas da filosofia foram se compondo durante a história do ser humano e aí se fixaram as principais como: metafísica, lógica, teoria do conhecimento, ética, política estética, filosofia da linguagem entre outras. Há também aqueles que se dedicam ao ensino de filosofia trabalhando os filósofos e suas obras, ou seja, trata-se de ensinar filosofia por meio dos grandes filósofos e suas principais obras. E aí reside a importância de conhecer a respectiva obra do filósofo evitando os comentários. E também como Horta (2007) há professores que preferem ensinar filosofia a partir dos problemas que são postos

no cotidiano de cada um em comparação ou estudo com os grandes problemas filosóficos tratados pelos pensadores que sempre refletiram sobre as questões e temas da atualidade em que viveram que ainda continuam como problemas que longe de encontrar soluções são tratados e assimilados com a participação de cada um diferentemente.

E ao praticar o ensino com certeza surgirão novos desafios e, portanto, novas perspectivas e vias serão encontradas durante o desenvolvimento das atividades de ensino de filosofia.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Pesquisa, reflexão e constatação da realidade sobre os modos de se ensinar filosofia na região escolhida são os objetivos imediatos deste artigo. Assim sendo lançamos mão de instrumentos e materiais que serviram para oportunizar a realização da pesquisa. Numa primeira parte a metodologia foi de caráter bibliográfico num viés dialético do materialismo histórico de análise dos teóricos sobre a metodologia do ensino de filosofia na educação básica, que nos ajudou a tecer uma análise histórica, real e concreta das principais propostas de metodologias praticadas nas obras dos autores citadas no referencial teórico deste texto sejam orientações institucionais, sejam contribuições de pensadores que se manifestaram sobre a temática.

Para a continuidade do desenvolvimento dessa proposta também foi adotada a metodologia da pesquisa-ação participativa defendida por Thiollent,(1992); Tozoni-Reis, (2007); que permite a construção de conhecimentos sobre a realidade de forma ativa em que o pesquisador integra-se aos sujeitos da pesquisa, aqui denominados alunos participantes de forma a se constituírem como agentes participantes na identificação dos problemas na utilização de metodologias adequadas de ensino sobre a questão do ensino da filosofia, possíveis propostas de solução e tomada de decisões na aplicação e teste de novas propostas encontradas na pesquisa e oferecidas para aplicação na realidade estudada. Essa estratégia permitiu, não somente, identificar e refletir sobre os desafios, mas produzir conhecimento que poderá ser apropriado por todos os sujeitos contribuindo para o crescimento educativo de todos os estabelecimentos que ensinam filosofia no circuito da pesquisa.



Também é relevante considerar que:

O caráter científico da pesquisa-ação se dá pela utilização da teoria para fundamentar as ações práticas realizadas durante o processo de investigação, além de exigir um raciocínio hipotético flexibilizado na argumentação e na interpretação dos dados coletados, expresso pela discussão coletiva para enriquecer o que foi observado. Além disso, a produção de conhecimento que caracteriza o processo científico é resultado, nesta metodologia, de uma investigação coletiva sobre um problema que, por estar mais próximo, os participantes parceiros, tem um olhar uma interpretação mais adequada (GONZALEZ, TOZONI-REIS E DINIZ, 2007, p. 386).

É significativo salientar que na pesquisa-ação todos os integrantes do estudo manifestam-se durante todas as etapas do processo, clarificando seu caráter coletivo, o que gera condições para a autonomia dos sujeitos que podem refletir sobre sua ação e reestruturá-la de forma a aprimorar sua qualidade de vida.

Entende-se que o uso desta metodologia ajudará a conhecer a realidade mais de perto e sem máscaras já que os próprios pesquisados fazem parte do procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico que tem por finalidade estudar o aspecto em que o processo de ensino e aprendizagem de filosofia se verifica na realidade com o objetivo de ação prática que se reverterá em benefício da própria comunidade investigada. Este caminho investigativo quer significar ou indicar que a forma de realizar o estudo já é um modo de intervenção e que o propósito da pesquisa está orientado para a ação, sendo esta por sua vez fonte de conhecimento. Assim sendo os destinatários da pesquisa estão envolvidos de tal modo que não são considerados objetos da pesquisa, mas sujeitos ativos que contribuem no conhecer e no transformar a realidade em que estão inseridos.

A pesquisa-ação por ser investigativa supõe um conjunto de procedimentos técnicos e operativos para o conhecimento da realidade ou um aspecto desta, com o objetivo de transformá-la pela ação coletiva. A forma de pesquisar a realidade implica a participação do universo da pesquisa como agente ativo no conhecimento de sua própria realidade e possibilita a mesma adquirir conhecimentos necessários para resolver problemas e satisfazer necessidades. A pesquisa por ser ação, sugere que a própria forma ou maneira de fazer a investigação da realidade gera processo de ação das pessoas envolvidas no projeto. O modo de fazer o estudo, o

conhecimento da realidade já é ação; ação de organização, de mobilização, sensibilização e de conscientização, de verificação como se aprende e como se ensina filosofia.

A pesquisa-ação por ser participativa, supõe uma co-implicação no trabalho dos pesquisadores e dos alunos envolvidas no projeto onde se faz intercâmbio, socialização das experiências e conhecimentos teóricos e metodológicos da pesquisa.

Por ocasião da nossa visita para aplicação do questionário, fizemos uma averiguação “*in Locus*” por meio da observação, e de conversas com os membros componentes da direção e do corpo docente nos devidos Colégios, para então poder, verificar a formação dos atuais professores de Filosofia, pois o próprio Núcleo de Educação apontava como um desafio a formação de professores de Filosofia. Assim sendo pudemos observar que muitos professores de outras áreas eram muitas vezes obrigados a assumirem aulas de Filosofia. No entanto pudemos verificar também com o levantamento dos dados da presente pesquisa que a composição de novas turmas de acadêmicos de filosofia que se graduam na Universidade Estadual do Norte do Paraná em Jacarezinho/PR, tem contribuído para a superação dessa lacuna.

## **O TIPO DE PESQUISA E QUEM É O SEU SUJEITO DE PESQUISA**

Para atender o objetivo desta pesquisa consistiu em identificar os fatores que influem na decisão em torna-se professor e também os principais desafios da docência, partindo do discurso dos alunos sobre como eles recebem o ensinamento na sala de aula. Para coleta de dados, foram entrevistados 79 alunos regularmente matriculados nas terceiras séries do Ensino Médio dos quatro Colégios que compõem a rede estadual pública de ensino, da cidade de Jacarezinho PR.

Os dados foram coletados por meio de questionário contendo perguntas fechadas e abertas. Para preservar a identidade dos sujeitos de pesquisas atribuímos um código que representa a turma e ordem em que esses alunos participaram do questionário, ou seja, as séries foram identificadas com T, assim temos: T1, T2, T3 e T4, e os alunos foram identificados como: A1, A2, A3 e assim

sucessivamente. Portanto T1A1, significa primeiro aluno da turma um. T2A2, aluno dois da turma dois, e assim por diante.

Sobre os professores que ensinam filosofia nestes colégios a averiguação foi feita pessoalmente no Colégio por meio de contato direto com a Direção e os professores. E foi possível constatarmos que todos são formados na área, sendo que a metade já se formou no Curso de Filosofia da Universidade local e a outra metade fez graduação em outras localidades.

No questionário os alunos não eram obrigados a se identificarem, essa era uma decisão opcional.

A primeira turma que estamos chamando de T1 -é composta por 21 alunos. Dentre tantos sete se identificaram.

A segunda turma que estamos chamando de T2 - é composta por 24 alunos. Onde dezessete se identificaram

A terceira turma que estamos chamando de T3 -é composta por 23 alunos e encontramos treze se identificaram.

A quarta turma que estamos chamando de T4 - é composta por 11 alunos e cinco se identificaram,

## **APRESENTAÇÃO DOS DADOS**

Após a tabulação dos dados (realizada em setembro e outubro de 2014), para a constatação da realidade de cada colégio, sobre o “Ensino e aprendizagem: possíveis desafios e perspectivas na formação de professores de filosofia”, escolhemos aleatoriamente uma turma para apresentar os dados que serão apresentados como resultado no presente artigo. Destacamos ainda que nas questões fechadas (de 01 a 09) cada aluno poderia colocar mais de uma resposta.

Sobre os professores que atualmente são responsáveis pela disciplina de filosofia nos quatro colégios analisados, todos tem graduação na área sendo 50% formados na UENP e a outra metade em faculdades de outras localidades.

A série analisada para a composição deste texto foi a primeira Turma que é composta por 21 alunos. Escolhemos está série por uma composição simples,

faremos análise de cada uma das séries questionadas por ordem crescente de busca de respostas ao que foi perguntado.

Quanto à primeira questão sobre a série que a disciplina de Filosofia é ministrada todos responderam que o ensino se dava nas três séries.

Sobre a segunda questão: Assinale a área da filosofia que é mais ensinada no seu Colégio: a maioria (quinze alunos) responderam que era “Ética”, seguida pela política (dez alunos), Teoria do conhecimento (nove alunos), história da filosofia e lógica (três alunos) e outras áreas nenhuma resposta afirmativa.

Com referencia à terceira questão: Indique os assuntos mais abordados nas aulas de filosofia: A maioria (dezessete alunos) responderamos Filósofos, em seguida cultura, tipos de conhecimento e verdade (sete alunos), poder e valores (cinco alunos) e meios de comunicação e liberdade (quatro alunos).

Sobre o quarto quesito da consulta: selecione as épocas da filosofia o professor mais trabalha na sala de aula: as respostas foram as seguintes: Dezessete alunos responderam Idade média, Treze Idade contemporânea oito Idade Moderna e ainda oito Idade Antiga.

No quinto item do questionário: Assinale os meios metodológicos que o professor de filosofia usa durante aulas: dezessete alunos responderam por meio dos filósofos e suas obras, seis alunos por meio da História da Filosofia, quatro alunos por meio de temas ou questões filosóficas, três alunos por meio de áreas da Filosofia.

As questões seis, sete, oito e nove da entrevista visavam identificar a época mais trabalhada pelo professor diante da questão: Assinale o nome dos pensadores mais citados em sala de aula:

Para a Idade Antiga assim foi a ordem da referência dos nomes dos filósofos tratados: dezoito alunos citaram Aristóteles, dezesseis Sócrates, quinze Platão e quatro alunos citaram Tales e Pitágoras.

Para a Idade Média foram citados: Nove alunos citaram Agostinho e sete alunos citaram Tomás de Aquino, sendo que sete afirmaram não terem ouvido falar de nenhum filósofo desta época.

Na Idade moderna foram citados: por quinze alunos Renè Descartes, onze citaram Maquiavel, quatro citaram Francis Bacon. Dois citaram Blaise Pascal e um citou Erasmo de Roterdã.

Já na questão sobre a Idade Contemporânea: quinze alunos citaram Kant, oito alunos citaram Marx, cinco citaram Nietzsche, quatro alunos citaram Hegel e apenas um aluno citou Deleuze.

As questões seguintes foram perguntas abertas para respostas descritivas.

Na décima questão: Indique cinco temas mais trabalhados em sala de aula de filosofia que julgue mais interessante. Os alunos responderam dando uma grande preferência pela política e pela ética que apareceram em quase todas as respostas estando ausente apenas de duas manifestações. No entanto apareceram outras temáticas que mostram os rumos dos assuntos ensinados nas salas de aula. Lembrando que a questão solicitava cinco temas mais estudados, somente três alunos deixaram em branco e os outros completaram as cinco palavras e assim podemos expressar as outras problemáticas citadas que são as seguintes: lógica, teoria do conhecimento, história da filosofia, valores, cultura, belo, liberdade de expressão, estética, arte, ciência, história da tecnologia, conhecimento, e razão, arte em massa e verdade. Nas respostas também foram citados nomes de filósofos tais como: Sócrates, Platão, Aristóteles e Kant, com menção das obras de filosofia, e da vida deles (Filósofos).

Sobre a questão seguinte: Você acha que as aulas de filosofia ajudam a construir um pensamento reflexivo e crítico? Por quê? Todos responderam afirmativamente dizendo que sim, alguns até explicaram como, por exemplo, a fala da participante T1A20, ao responder a questão: “Ambos, pois este é o papel da filosofia, despertar este tipo de pensamento”. Porém vários alunos simplesmente disseram que sim.

Sobre a décima primeira questão que questionava sobre: Em sua opinião, como tem sido as aulas de filosofia? Elas despertam o teu interesse? E dos outros alunos? As respostas foram variadas, no entanto a maioria absoluta respondeu afirmativamente como, por exemplo, T1A10, que assim se manifestou: “Ótimas e despertam meu interesse, são aulas reflexivas e de grande conhecimento”. Mas apareceu também dois sujeitos da pesquisa responderam negativamente, mas colocaram a questão do interesse ou não sobre si e a disciplina e não praticamente no professor. Eis a fala da T1A16 “Filosofia é um pouco cansativa, e exige muita reflexão. Não tenho muito interesse pela matéria”.

Na questão seguinte foi questionado sobre a interferência do estudo da filosofia na vida pessoal de cada um. Com a seguinte interrogação: O que você estuda em filosofia tem ajudado na sua vida pessoal? Diga como isso acontece? Somente três responderam simplesmente que não sem dar nenhuma justificativa. Os outros responderam afirmativamente como podemos acompanhar na resposta de T1A1, que assim se manifesta: “Sim, tem me ajudado a questionar mais as coisas e me ajuda na questão política” completando com T1A5, que assim escreveu na resposta do questionário: “Me ajuda bastante, pois a gente acaba aplicando na sociedade o que aprendemos na sala de aula”.

Na décima quarta questão, a intenção era questionar se a filosofia é estudada de forma crítica ou reflexiva, com a seguinte colocação: As aulas de filosofia ajudam a pensar criticamente ou reflexivamente? Somente quatro pesquisados responderam criticamente, e outros três reflexivamente, porém a grande maioria que ajudam a despertar os dois pontos concomitantemente.

No décimo quinto item do questionário foi perguntado sobre o gosto pela leitura e pelo estudo de filosofia: Você gosta de ler e estudar assuntos ligados aos filósofos? Quais? Seis responderam que não gostam, dois deixaram em branco e ou outros responderam que sim. Sendo que a maioria até cita alguns filósofos como podemos notar na fala de T1A14, que assim se expressou: “Sim Kant, Aristóteles, Marx, Maquiavel. Eu gosto muito deles do assunto que eles estudam”.

A décima sexta questão investiga sobre a necessidade ou não de mudança nas aulas de filosofia. Com a seguinte colocação: O que você considera que deve ser mudado no ensino de filosofia? Quinze participantes disseram que não precisa mudar nada. Outros, porém sugerem alguma modificação com, por exemplo, T1A16, que sugere assim: “Aulas mais integradas com o cotidiano dos alunos, facilitando a compreensão”. Já o T1A13, assim opina: “Deveria ser ministrada também no fundamental do 6º ao 9º ano”.

E por fim na décima sétima questão da investigação, o objetivo era questionar sobre o ser professor ou filósofo no ensino de filosofia. Assim formulado: Você prefere ser um professor de filosofia ou um filósofo? Três deixaram em branco e somente um respondeu que não queria ser nem um e nem outro. E oito responderam que queriam ser professores e seis responderam que queriam ser filósofos. O interessante desta questão é que três responderam que queriam

continuar a serem estudantes de filosofia como está transparente na fala de T1A10. “Prefiro estudar os filósofos e ter o meu próprio pensamento filosófico com base nas teses dos filósofos e do que aprendi estudando” e o T1A3, assim se expressou que gostaria de ser “Apenas um estudante”.

## **ANÁLISE DOS DADOS**

Após esta exposição dos dados revelados pela pesquisa “*in locus*” por meio do questionário passaremos a apresentar as análises inferidas a partir dos mesmos.

Primeiramente, o resultado da pesquisa nos permite apontar que os colégios sujeitos da pesquisa buscam seguir as propostas das Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná. Pois conseguimos identificar nas falas dos sujeitos de pesquisa os conteúdos estruturantes de forma recomendada e trabalhados em todas as séries pesquisadas. Além disso, as obras adotadas nos colégios estão dentro das mencionadas propostas.

Encontramos nos colégios uma mescla de obras que são tidas como material de apoio didático e todas estão dentro da indicação da Secretaria da Educação, a saber: Silvio Gallo com o texto: Filosofia: experiência do pensamento da editora Scipione; Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes: Fundamentos de Filosofia da editora Saraiva; Marilena Chauí: Introdução à filosofia, da editora Ática e por fim, Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, participam com a obra: Filosofando: introdução à filosofia da editora Moderna. Também encontramos textos de alguns filósofos em livros ou xérox como objeto de estudo e reflexão, de autores como Platão, Aristóteles, Maquiavel e Kant. Este material é disponibilizado pelo próprio professor que estende ainda mais seus objetos de ensino da disciplina.

Em todos estes modos de ensinar filosofia temos que ter em mente que o objeto de estudo é a filosofia, e, portanto é sempre a mesma filosofia que é tratada por viés diferente.

Nos colégios pesquisados inferimos por meio da análise das respostas dos questionários que os professores usam métodos diferentes, cada um conforme suas habilidades, tanto que não se privilegia nem um nem outro modo de ensinar, aliás pode se notar, até que há uma mescla no emprego dos métodos e assim se ensina

e se aprende filosofia de modos variados. Quer seja pela história da filosofia, quer seja pelas grandes áreas, ou ainda por seus filósofos e obras e por fim por seus problemas e questões. No entanto pode ainda ser encontrada outra maneira para se ensinar filosofia. Tal é a riqueza e complexidade desta forma de ensino.

Foi também possível observar nas visitas aos colégios em questão, bem como nos contatos com membros da Direção, com os professores e os alunos situações que esbarram no lado mais subjetivo do ensino de filosofia e seu aprendizado. Fato que também podemos notar nos escritos das questões abertas onde se nota a grande preferência por assuntos ligados à política e à ética. Por isso, afirmamos ser a filosofia uma “válvula de escape” onde os alunos podem expressar suas angústias e opiniões sobre assuntos tão presentes no contexto da realidade política brasileira, como por exemplo, a situação das denúncias feitas a respeito da condução ética e econômica da Petrobrás. Assim sendo a escola, nas aulas de filosofia passa a ser não só um lugar de escuta, mas, sobretudo, de crítica e reflexão sobre princípios de comportamentos éticos e políticos nos mais variados seguimentos da sociedade.

Mas será que o professor da escola está preparado para isso? No universo da pesquisa, notamos que em três destes quatro colégios os professores conduzem com propriedade tais debates, no entanto é sempre uma questão ainda não resolvida, pois, nem mesmo é função da filosofia resolver todos estes problemas, mas ao menos discuti-los e apontar caminhos e posturas éticas para a justa superação dos acontecimentos. Mencionamos as denúncias da Petrobrás por que estão diretamente relacionadas com os alunos e abordando questões diárias nos telejornais televisivos e na mídia em geral.

Assim entendemos que é uma questão positiva dos alunos entenderem que as aulas de filosofia ajudam a construir um pensamento reflexivo e crítico. Podendo opinar sobre questões de políticas nacionais e regionais. Havendo assim, claramente, interesse pela filosofia e a interferência do estudo da filosofia na vida pessoal de cada um. Na análise dos dados fornecidos pelas questões abertas também, pudemos observar que quase todas as turmas estão de acordo que o professor de filosofia também deve ser filósofo. Mesmo opinando que ser filósofo é mais difícil e exige mais leitura e estudo. Mas conforme os autores estudados, na



revisão da literatura deste artigo, principalmente Gallo (2013), entendemos que a filosofia deve ser ensinada filosoficamente ou não é Filosofia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A essa altura da pesquisa passamos a transcrever algumas considerações que inferimos ao analisarmos o trabalho como um todo. Longe de ser concludente e esgotar as possibilidades apenas nos indicam algumas reflexões e constatações alcançadas no decorrer deste itinerário de pesquisa proposto para esta finalidade. Os desafios realmente estão presentes, desde a formação inicial do profissional de ensino, passando pela vontade e aceitação dos alunos, chegando até as condições oferecidas pela instituição de ensino onde se trabalha a disciplina de ensino de filosofia.

Apesar de sua especificidade, o ensino de filosofia está presente nos colégios, mais propriamente na educação básica, no Ensino Médio e ocupa um grande espaço na formação da cidadania. Se no tempo dos gregos a formação integral do homem grego, passava pela “Paidéia” hoje a composição de uma cidadania íntegra e reflexiva da formação do cidadão amplamente preparado para viver em sociedade precisa de uma formação filosófica baseada em conhecimentos já adquiridos através dos tempos para a reflexão, assimilação e quem sabe, construção de novos conceitos.

Inferimos também que a formação de professores de filosofia na região pesquisada não é desafio de inserção, pois ela já existe, e sim desafio de permanência, continuidade, com formação ampla, compacta e filosófica, pois como diz Gallo (2014) o ensino de filosofia tende a ser filosófico ou não é ensino de filosofia. Juntamente com a questão do ensinar, outro desafio é a vontade e disposição de aprender do aluno. Nas respostas dos questionários, nota-se que uma pequena parte, mais ou menos três ou quatro em cada turma pesquisada, demonstra desinteresse e não inclinação pela leitura de textos filosóficos. No entanto aquilo que Aristóteles afirma que todo o homem tem ser humano tem desejo de conhecimento, se verifica na vontade da maioria que expressou interesse e vontade de se dedicar aos textos dos filósofos. A falta de antecedentes, com

formação filosófica, ou seja, o não conhecimento de filosofia pelos pais compromete a eficiência do ensino de filosofia na educação básica.

Apesar destes e de tantos outros desafios, as perspectivas são alvissareiras. A presença do ensino de filosofia nos colégios vem oportunizando um espaço para o aluno falar, expor seus pontos de vistas sobre situações diferentes da realidade em que vive, e embasados em teoria similares dos filósofos, também poder externar seus anseios, para vencer na vida e ter melhores condições para, conseqüentemente, viver com mais qualidade de vida, de pensamento e de expressão.

A filosofia ensina tal qual reflete a proposta dos grandes pensadores filósofos, ou seja, ensinada “filosoficamente”, sem dúvidas será um timão segura na formação de nossa juventude.

Assim sendo, finalizamos convictos de que a filosofia, e sobre tudo seu ensino, é necessária para se viver com dignidade e respeito, sendo ensinada filosoficamente ela cumpre, portanto seu papel de motivador e condutor de uma existência fundamentada no conhecimento e na prática do saber, tal qual o ensinamento de Sócrates para realizar a máxima dele: uma vida sem filosofia, sem pesquisa, sem busca não vale a pena ser vivida.

#### REFERÊNCIAS:

BRASIL. Orientações curriculares para o ensino médio; (volume 3) Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p.

DANELON, M. *Ensino de Filosofia e currículo: um olhar crítico aos parâmetros curriculares nacionais (ciências humanas e suas tecnologias e orientações curriculares para o Ensino Médio: Filosofia)*. Cadernos de História da Educação, Uberlândia, v. 9, n. 1, p. 109-129, jan./jun. 2010.

FOLSCHIED, Dominique; WUNDENBURGER, Jean-Jacque. *Metodologia Filosófica*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes: 2006.

GALLO, Silvio. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas: Papirus, 2013.

HORN, Geraldo Balduino. *Ensinar filosofia: pressupostos teóricos e metodológicos*. Ijuí: Unijui, 2009.

PARANÁ. *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED – Pr. 2009. (Este conteúdo também está disponível na internet em:

[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos\\_pedagogicos/caderno\\_filo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_pedagogicos/caderno_filo.pdf), acesso aos 15 maio 2014.)

PARANÁ. *Filosofia: Ensino Médio*. 2ª Ed. Curitiba: SEED PR, 2007. (Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/livro\\_didatico/filosofia.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/livro_didatico/filosofia.pdf) acesso aos 15 maio 2014).

PORTA, Mario Ariel González. *A filosofia a partir de seus problemas*. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 5 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

TOZONI-REIS, J. R. Ação coletiva na produção dos conhecimentos: compreendendo o processo grupal in TOZONI-REIS, M. F de C. (Org.) *A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental: reflexões teóricas*. São Paulo: Annablume; FAPESP; Botucatu: fundibio, 2007.